

Movimentos da memória - da ditadura à ditadura

Memory movements - from dictatorship to dictatorship

Giovanna G. Benedetto FLORES
Solange M. Leda GALLO
Nádia Régia Maffi NECKEL
Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

RESUMO: Esta pesquisa se propõe a analisar fotos e reportagens das duas últimas campanhas para a Presidência da República do Brasil. Para tanto, se inscreve no campo teórico da Análise do Discurso francesa. A nossa proposta é analisar discursivamente fotos das campanhas da candidata Dilma Rousseff em 2010 e em 2014 e enunciados que circularam na Revista Época em 2010 e no site de notícias R7 da Record em 2014. Buscamos compreender o funcionamento da memória discursiva mobilizada em um caso e em outro, na forma do pré-construído. A relação desses pré-construídos com os processos de constituição, formulação e circulação, permitiu compreender os deslocamentos de sentido nas campanhas.

Palavras-chave: Discurso. Memória. Político. Mídia.

Abstrac: The goal of this paper is to analyze photos and news stories from the last two campaigns for the presidency of Brazil. In order to do so, it bases itself on the field of French Discourse Analysis. Our proposition is to discursively analyze pictures from the campaign of Dilma Rousseff in 2010 and 2014 and the taglines that circulated in Época magazine in 2010 and on the R7 Record News Site in 2014. We seek to grasp the operation of discursive memory mobilized in one case and the other, in the form of the pre-constructed. The relationship of these pre-constructed with the processes of constitution, formulation and circulation allows us to comprehend the dislocation of meaning during the campaigns.

Keywords: Discourse. Memory. Political. Media

Introdução

Passados 50 anos da instauração da ditadura militar no Brasil, muito ainda temos que refletir a respeito desse acontecimento que, em todos os seus aspectos, ainda nos demanda sentidos. Há muitas formas de se textualizar os 20 anos de ditadura no Brasil, e essa textualização depende da posição que o sujeito ocupa na atualidade de um discurso. Para a análise do discurso, a memória será constituída dos sentidos legíveis a partir do que pode e deve ser dito nessa posição, determinada pela verdade de uma formação discursiva dominante.

Tomando, então, a memória como sendo sempre relativa, e a história como historicidade discursiva, discutiremos neste trabalho diferentes memórias da ditadura, materializadas na forma de enunciar a imagem da presidente Dilma. Ou seja, ao enunciar a figura da presidente, mobiliza-se um pré-construído e uma memória – que sempre poderia ser outro(a) –, que dá sustentação ao que se diz. Esse é um processo discursivo, fora do controle dos sujeitos enunciadoreis.

Interessa-nos refletir sobre memória e as condições de produção que permitiram um “poder dizer” a respeito do golpe militar, nas campanhas eleitorais de 2010 e 2014, e atualmente. Para tanto, temos como *corpus* de análise discursiva, fotos das campanhas da presidente Dilma Rousseff, sendo as primeiras da campanha de 2010, acompanhadas de dizeres sobre a guerrilheira/presidente, e as últimas de 2014, além de uma imagem das recentes manifestações ocorridas no Brasil.

A nossa proposta é compreender discursivamente a construção desta memória da ditadura como gesto político que, na primeira campanha, foi mobilizada como atributo negativo para a candidatura da presidente Dilma e, na segunda, como vantagem. Ou seja, se em 2010, mostrar a foto da candidata guerrilheira era prejudicar a campanha e afastar possíveis eleitores

que estavam indecisos. Já na campanha de 2014, a imagem extraída da carteira de identidade de Dilma ao ser presa pelos militares, e que circulou nos palanques e nas redes sociais como avatar, se torna um símbolo de luta.

Como já apontamos acima, a noção de memória, para a análise de discurso, está ligada ao interdiscurso, uma instância de sentidos que disponibiliza dizeres que foram enunciados anteriormente, em outros lugares, produzindo deslocamentos nas redes de filiações sócio-históricas e ideológicas, no evento de sua aparição. Pêcheux (2007 [1990], p.50) entende que não se trata de uma memória individual, mas de “sentidos da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Não podemos esquecer que essas memórias são atravessadas ideológica, histórica e socialmente.

É importante, ainda, pontuar a noção de memória coletiva de Pêcheux (1994), que a propõe como conjunto de arquivos disponibilizados para a massa, trabalhados de forma parafrástica, produzindo o efeito de reconhecimento, ou seja, esses arquivos são legitimados pela massa, na medida em que por ela são reconhecidos em nova versão. As instituições precisam garantir para os sujeitos que se inscrevem nelas, que eles compartilham uma mesma realidade, que tem uma mesma memória. Com essa memória comum, os gestos de interpretação podem ser homogeneizados no presente, garantindo o controle.

Desde a Idade Média a divisão começou no meio dos clérigos, entre *alguns* deles, autorizados a ler, falar e escrever em seus nomes (logo, portadores de uma leitura e de uma obra própria) e o *conjunto de todos os outros*, cujos gestos incansavelmente repetidos (de cópia, transcrição, extração, classificação, indexação, codificação, etc) constituem também uma leitura, mas uma leitura impondo ao sujeito-leitor seu apagamento atrás da instituição que o emprega: o grande número de escrivães, copistas e “contínuos” particulares e públicos, constituiu-se através da Era Clássica e até nossos dias, sobre essa renúncia a toda pretensão de “originalidade” sobre este apagamento de si na prática silenciosa de uma leitura consagrada ao serviço de uma Igreja, de um rei, de um Estado, ou de uma empresa (PÊCHEUX, 2010 [1994], p. 51-52).

Ainda sobre a memória coletiva, Pêcheux a contrapõe a uma memória constituída linear e cronologicamente, chamando a atenção para a historicidade, a materialidade dos diferentes movimentos de significação que possibilita interpretar documentos históricos e que vão produzir sentidos para os sujeitos.

Uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 2007 [1990], p. 56).

Poderíamos pensar aqui em Le Goff (2003), para quem a memória coletiva está no jogo de forças sociais pelo poder como forma de dominação e manipulação sobre a memória individual. Ou seja, para o autor, é pelo esquecimento e pela força que a Igreja, o Estado e as instituições dominam as sociedades. “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 2003. P. 422). Para Pêcheux, diferente de Le Goff, não se trata de manipulação, mas de um modo de funcionamento discursivo determinado ideologicamente sobre o qual não há controle, mas inscrição.

2. Campanha de 2010

Vejamos as imagens e reportagens da campanha de 2010:



SD 1: Militante da organização clandestina VAR-Palmares, um grupo com raízes no movimento estudantil e no Exército que pegava em armas para combater o regime militar, Dilma é descrita na documentação como “militante de esquema subversivo-terroristas (sic)”, “uma das molas mestras e um dos cérebros dos esquemas revolucionários postos em prática pela esquerda radical” e “pessoa de dotação intelectual apreciável”. Ela era conhecida por codinomes como Estela, Luiza e Wanda, além dos nomes que constavam em seus documentos falsos¹.

Nesta sequência discursiva, a revista Época se propõe a divulgar o passado da candidata à Presidente da República, relacionando-a a movimentos de esquerda, como subversiva e terrorista, construindo a imagem de guerrilheira para a candidata. Como nos mostra a SD1 e as fotos, no discurso jornalístico materializado nessa revista aqui citada há, na forma de enunciar, um apagamento de todo o acontecimento histórico sobre a militância da esquerda brasileira na época da ditadura, produzindo sentidos redutores e dicotômicos de bem/mal, reforçado pelo discurso jurídico, tornando “os acontecimentos visíveis de modo a impedir a circulação de sentidos indesejáveis” (MARIANI, 1998, p. 82).

¹ Reportagem da Revista Época de n. 640, publicada em 20/08/2010 com o título: Dilma no cárcere. <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI163069-15223,00-DILMA+NO+CARCERE.html>. Acesso em dezembro de 2014.

Ou seja, para a revista *Época*, a candidata representa o mal, uma vez que participava de uma organização que “pegava em armas” e “usava nomes falsos”, práticas condenáveis em um Estado de direito. Não se esclarece, por exemplo, que se tratava de um estado de exceção, e muito menos o que isso significou. Segundo Mariani(1998, p. 85-86):

Como o discurso jornalístico de referência atua na manutenção e/ou absorção dos sentidos no campo do Mesmo, dificilmente irá colocar em circulação sentidos que rompam com a estabilidade da ‘lógica’ ocidental. (...) A questão da informação é também uma questão do Estado, que vai produzir uma política de silenciamento e anulação das diferenças: a alteridade política ou é negada, rejeitada, ou é absorvida, isto é, transformada em um possível.

Se o discurso se faz na repetição (INDURSKY, 2011), é justamente nesse movimento que a imagem da presidente/guerrilheira funciona como memória discursiva, em que o sujeito, ao repetir, o faz afetado pelo esquecimento, acreditando que está na origem do dizer, como se outros sentidos não fossem possíveis. Esse efeito está corroborado pela foto, que parece não poder ser outra, a única foto, aquela tirada da carteira de identidade, publicada sem retoques, cores ou contornos, constituindo uma agressão, pela sua crueza e falta de trato, reforçando o efeito de sentido que o próprio texto produz: trata-se da foto de uma “militante de esquema subversivo-terrorista”, que não poderia ser outra: “uma das molas mestras e um dos cérebros dos esquemas revolucionários postos em prática pela esquerda radical”.

3. Campanha de 2014

Já na campanha de 2014, a mesma foto é ressignificada. Passados os quatro anos do primeiro governo de Dilma Rousseff, a campanha pela reeleição produz a possibilidade de um dizer positivo sobre os movimentos de esquerda e a luta pela liberdade durante o golpe militar. Isso porque a própria política do governo Dilma encaminhou questões importantes para discussão popular, como a proposta da criação da Comissão da Verdade.

Esses fatos da atualidade permitiram a ressignificação da memória da ditadura no Brasil. Novas posições-sujeito passam a enunciar a ditadura a partir de outras condições de produção. Ainda em Indursky (2011, p. 71):

[...] se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão construir uma memória social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos e regularizados [...] Repetir, para a AD, não significa necessariamente repetir palavra por palavra algum dizer, embora frequentemente este tipo de repetição também ocorra. Mas a repetição também pode levar a um deslizamento, a uma ressignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos.

Figura 02: Fotos da campanha 2014



Fonte: https://www.facebook.com/SiteDilmaRousseff/photos_stream

Propomos que se observem estes deslizamentos de sentidos da campanha de 2010 para a campanha de 2014: de Dilma “guerrilheira” para Dilma “a guerreira”, ou ainda “coração valente”. Se na primeira campanha, a expressão “guerrilheira” era mobilizada como prática para denegrir a imagem da candidata, associando-a a movimentos revolucionários, com o deslizamento para “guerreira”, a imagem da carteira de identidade de Dilma passa a ser mobilizada como fator positivo, uma vez que cola nos sentidos de força, vontade, ousadia em vencer adversários, como vemos no site de notícias da Record - R7 eleições 2014:

SD 2: *Dilma Rousseff: de guerrilheira condenada e presa na ditadura para oito anos no Palácio do Planalto. Presidente superou Aécio Neves nas urnas neste domingo (26) e vai governar País até 2018 (Notícias R7)*²

Nossa reflexão incide sobre o processo discursivo que torna possível os sentidos de 2014, em comparação aos efeitos de sentido da imagem de 2010. Segundo Orlandi (2001), os sentidos se produzem em diferentes instâncias:

Há vários momentos nesse processo discursivo: o da constituição, o da formulação e o da circulação. São três momentos inseparáveis do ponto de vista da significação, ou seja, todos os três concorrem igualmente na produção dos sentidos. Os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam. (ORLANDI, 2001, p. 151).

Do ponto de vista da constituição, temos na origem desses sentidos, tanto naqueles formulados em 2010, quanto nos formulados em 2014, diferentes sujeitos. No primeiro caso, o sujeito está em uma posição que se inscreve no discurso jornalístico, um jornalismo que se caracteriza particularmente por materializar-se em mídias e veículos de massa, que circulam, tradicionalmente e prioritariamente, na forma impressa. Esse tipo de produto constitui seu leitor a partir de uma projeção de condições materiais o mais genéricas possível. Não se trata de um leitor segmentado, ou seja, não se trata de um leitor que constitui-se em uma conjuntura discursiva específica, mas ao contrário, trata-se de um leitor sem fatores identitários particulares.

² <<http://noticias.r7.com/eleicoes-2014/fotos/dilma-rousseff-de-guerrilheira-condenada-e-presa-na-ditadura-para-oito-anos-no-palacio-do-planalto-26102014#!/foto/1>> - Acessado em dezembro de 2014

Portanto, o efeito de sentido produzido pela foto de Dilma na revista *Época* de 2010 está sustentado por sentidos pré-construídos relativos a esses leitores. Pêcheux, ao trazer para “Semântica e Discurso”, a proposição feita por Paul Henry, formula a respeito do pré-construído: “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático” (PÊCHEUX, 1988, p. 99).

4. Um olhar analítico

Em relação ao encaixe sintático, “O passado de Dilma”, na capa da revista, na qual a foto de Dilma está estampada em negro, pode (e deve) ser lido como: “o passado **negro** de Dilma”. Sendo que “passado negro”, como expressão idiomática funciona aqui como elemento pré-construído, é o enunciado que se encaixa sintaticamente, vindo do exterior do enunciado: “O passado de Dilma”.

Outros sentidos para essa capa também seriam possíveis, mesmo em 2010, como o “passado glorioso de Dilma”. Esses, apesar de não serem sentidos censurados ou impossíveis, são discursivamente “esquecidos”, nesse caso. Pêcheux diz que, ao assumirmos determinados sentidos, esquecemos todos os outros. Isso porque estamos sempre determinados por uma formação discursiva dominante em relação a todas as outras. Nesse caso do sujeito leitor da revista *Época*, a formação discursiva dominante silencia outros sentidos que estavam presentes em enunciados materializados em outros discursos, notadamente aqueles que defendiam a eleição de Dilma.

É importante observar que só podemos nos identificar com esse sentido proposto pela revista *Época* à imagem de Dilma, se nos identificamos com a interpretação dada a ela, de uma “terrorista”, bem como com a posição-sujeito de quem produz essa interpretação, no caso, um militar ligado à ditadura. Assim, corroborar a interpretação dada pelo sujeito da ditadura, é corroborar a própria ditadura. Essa é a implicação que está silenciada, mas presente na proposta da capa da revista. Essa é a memória que é necessária que o sujeito mobilize, para sua interpretação, na atualidade. Essa é a memória com a qual ele se identificará ou se contra identificara em sua interpretação, necessariamente.

Por outro lado, a imagem de 2014 não se encontra na capa dessa revista nem na capa da revista *Veja*, nem de nenhuma outra que tem esse funcionamento acima descrito. Ao contrário, ela se encontra inicialmente em um Blog intitulado “Quadrado dos Loucos”. Esse blog, assinado por Bruno Cava, se apresenta da seguinte forma:

O *Quadrado dos loucos* é um blog autoral e de imaginação livre, à deriva sobre múltiplos assuntos e temas desde setembro de 2009. Não acredita em nada: crê em tudo e não cansa em pôr em evidência a sua precariedade e incerteza.

Por *poesia*, entende a invenção de mundos.

Por *prosa*, o seu compartilhamento.

Por *crítica*, o carnaval de signos e afetos que irrompe da vida, quando esta inunda uma certa obra, conceito ou intervenção.

Por *arte*, uma prática social concreta, uma inflação multidimensional de tendências, de experiências, de “escolas” radicalmente diferentes, e isso não mais sucessivamente, mas sim, simultaneamente.

Por *política*, trançar os fios, no comunismo das redes, no enxame militante.

Este blog propõe-se a uma *prosa-poesia* e uma *política-arte*, em suma, uma *crítica imanente* à constituição e partilha de mundos pelos seus verdadeiros artistas, isto é, *todos nós* (QUADRADO DOS LOUCOS)³

³ <<http://www.quadradosloucos.com.br/sobre/>> Acessado em janeiro de 2015.

Gostaríamos, inicialmente, de nos ater aqui à expressão usada pelo autor: “*política-arte*”, que nos parece uma forma apropriada para a interpretação da imagem encontrada em 2014 circulando nas mídias sociais. Essa imagem da mulher política está aí atravessada pela arte, mais especificamente pela *pop art*, o que dá a ela um efeito de sentido relativo à essa arte, tão difundida na imagem similar de *Marilyn Monroe*, de *Andy Warhol*.

Figura 03: Pop art – Andy Warhol



Fonte: Andy Warhol Pop Art Gallery

No Blog a imagem de Dilma foi postada como segue:

Figura 04: *Pop art* – Dilma. Diário Gauche, Blog Quadrado dos Loucos



Disponível em: <<http://www.quadradosloucos.com.br/sobre/>>

Se do ponto de vista da constituição, percebemos sujeitos autores tão diferentes para as imagens das duas campanhas, do ponto de vista da formulação e da circulação, essa diferença se aprofunda ainda mais. Na campanha de 2010, a circulação da imagem se dá pela revista *Época* que se caracteriza por um tipo de jornalismo que se alinha às estratégias de marketing próprias ao neoliberalismo. Os sentidos pré-construídos de sua textualização são do senso comum, sentidos não especializados: “Documentos inéditos revelam uma história que ela (Dilma) não gosta de lembrar: seu papel na luta armada contra o regime militar.” Por exemplo, fala-se, aí, de “documentos”, sem que se explicita de que tipo de documento se trata, como se o fato de mencionar a palavra, já trouxesse a necessária legitimidade. O adjetivo “inédito” também não se explica (por que ainda hoje esses documentos estariam inéditos?). O verbo “revelam” produz o efeito da notícia, propriamente, o “furo” da reportagem, um furo que está sendo dirigido (em primeira mão?) ao leitor da revista. E, assim, sucessivamente.

Esse tipo de textualização abarca o maior número possível de sujeitos a partir dos mesmos enunciados. Seus efeitos de sentido são corroborados por sua forma de circulação. Em relação à imagem que circulou na campanha de 2014, ao contrário, sua formulação imagética propõe uma releitura estética e traz sentidos pré-construídos não comuns, como a obra de *Andy Warhol*.

A releitura da imagem de Dilma está materialmente relacionada a determinados sentidos de ditadura, opostos àqueles anteriormente apontados como presentes na interpretação da capa da revista *Época*, ou seja, aqui, ao se identificar com a interpretação dada à imagem de Dilma pelo blog, o sujeito leitor identifica-se com a relação proposta de Dilma e uma *pop star*, de Dilma e um símbolo feminino, Dilma coração valente (como *Marlyn Moroe?*). O enunciado “Ditadura nunca mais – Dilma 13 - A guerreira” deixa explícita a memória que se mobiliza para a interpretação atualizada pelo blog.

Além disso, a forma de circulação dessa imagem acontece pela via das redes sociais. O acesso à internet não é tão genérico quanto às mídias tradicionais, e os leitores dessa mídia se identificam com sentidos pré-construídos mais particularizados. Não queremos afirmar, com isso, que a rede internet e/ou as redes sociais constituem uma discursividade na qual se inscrevem textos e sujeitos capazes de uma leitura sempre mais especializada. A rede internet constitui-se em uma forma de circulação diferenciada, pois se oferece como um produto tecnológico a qualquer consumidor que possa consumi-la. Portanto, seu critério de seleção de leitores é econômico, prioritariamente, não político ou social. Além disso, sua textualidade digital é mais heterogênia, já que permite novas e inúmeras possibilidades de formatação e leitura, que tem na base uma programação, o mais aberta possível. Finalmente, o autor da rede não é, necessariamente, um sujeito inscrito em uma instância institucional que o habilite a tornar públicas suas ideias (como é o caso da instituição jornalística), ou que habilite algumas leituras e não qualquer leitura (como é o caso da Escola).

No entanto, essa condição aparentemente libertária, não é mais do que um efeito de sentido da rede. Em sua forma material, a rede exclui inúmeras sujeitos leitores, informa outros tantos sujeitos em suas condições de possibilidade de enunciar em razão de suas clivagens subterrâneas e, finalmente, particulariza os sentidos, devolvendo ao sujeito não outra coisa senão aquilo que ele quer consumir.

Fizemos essa digressão para podermos explicar mais um movimento da memória da ditadura, agora materializada em uma imagem de Dilma como “puta” (ou vaca, biscate veia, sapatão, entre outros), conforme vimos acontecer nas recentes manifestações ocorridas nas ruas do país no último mês de março.



Esta próxima imagem, em particular, foi postada no *facebook*, pelo perfil que se identifica como “Comunidade Podemos MAIS”. Assim como essa, muitas comunidades se manifestam na rede internet e, particularmente, nas redes sociais, como o *facebook*, para tornar públicas suas ideias, sem a intermediação de qualquer instância institucional, como mencionamos acima.

Figura 06: Página no Facebook – Podemos Mais



Disponível em: <https://www.facebook.com/PodemosMaisBrasil> - Acessado em março de 2015

Juntamente com esse tipo de interpretação feita da imagem da presidente, vimos aparecer, nessas mesmas manifestações, uma interpretação positiva e explícita em relação à ditadura, seguida de pedidos pela volta desse regime no Brasil.

Figura 07: Manifestações em março de 2015



Revista Moa

<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/imagens-constrangedoras-das-manifestacoes-de-domingo.html> - Acessado em março de 2015

É importante observar que essa memória “positiva” da ditadura militar, neste caso, é mobilizada, não por grandes corporações interessadas em um governo que os favorecesse economicamente, como era o caso da revista *Época*, em 2010, mas sim por cidadãos brasileiros, inscritos nessa discursividade e nessa memória, mostrando, nesse gesto, que os sentidos não morrem, mas adormecem pela ação do poder, para depois ressurgirem em uma brecha do tempo e do espaço.

Neste caso, o tempo e o espaço que permitem essa interpretação, são decorrentes da própria superação do estado de exceção e da consequente democracia conseguida, e essa é uma contradição incontornável. A diferença do sentido de ditadura, na atualidade, portanto, é que ele não pode ser interpretado como positivo, sem contradição.

5. Concluindo...

Ao romper com o dizer já estabilizado da mídia tradicional, uma nova memória é mobilizada, possibilitando novas inscrições, novos dizeres e novas interpretações. Essa ruptura se dá no processo de constituição dos sujeitos e se materializa na formulação (Dilma *pop art*) e na circulação dos dizeres (sites e blogs). Essa outra memória (marcada em sentidos pré-construídos), como vimos, está na sustentação do deslocamento do sentido de “guerrilheira” para “guerreira” e “coração valente”.

Mas, como nos ensina Indursky (2003, p. 119) “a ruptura não implica o apagamento da memória. Se houvesse apagamento, não haveria a possibilidade de construção de uma memória social. É a permanência dos já sabidos, que possibilita que sentidos outros ressoem, mesmo quando sentidos novos se fazem ouvir”.

Neste caso aqui analisado, “guerrilheira” permanece e ecoa em “guerreira”. Na memória social, estão tanto os sentidos relativos a uma determinada formação discursiva, quanto os de outra. Esta análise procurou mostrar os processos que tornam possível tanto um como outro efeito de sentido, como também a relação entre eles.

Para além disso, podemos dizer, ainda, que a historicidade não é linear (como a história), ela faz dobras. Um discurso pode mobilizar muitas e diferentes memórias, conforme as determinações de sua formação discursiva dominante. Isso acontece a qualquer momento. Os sentidos estão sempre dispostos no interdiscurso. O que lineariza esses sentidos é o discurso, produzindo diferentes efeitos de sentido. E também é no discurso que trabalhamos as contradições.

Dessa forma podemos explicar que sentidos considerados “superados”, possam ocupar novamente a cena social e política, o que explica, finalmente, os sentidos da imagem de Dilma e a memória da ditadura, conforme vistos nessas atuais manifestações populares.

Referências

INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. Porto Alegre: **Revista Organon** 35, v. 17, n. 35, p.101-121, 2003.

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO FERREIRA, Maria C. (Org.) **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

MARIANI, B. **O PCB e a Imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora Unicamp, 1998.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto**: Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. Ler o Arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) **Gestos de Leitura**. Campinas: Editora Unicamp, 2010 [1994]. p. 49-59.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do obvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre[et al] (Org.) **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 2007 [1990]. p.49-57.